

Literatura Brasileira em poesias

Bem vindo ao mundo literário brasileiro!

Eu Lorrane Souza Novaes, monitora do Centro Educacional Manoel Teixeira Leite em anexo Zabelê no NTE 3 apresento a vocês diversos estilos de poemas da época da literatura brasileira.

Quinhentismo

Pe. José de Anchieta

A Santa Inês

Cordeirinha linda, Como folga o povo, Porque vossa vinda

Lhe dá lume novo. Cordeirinha santa, De Jesus querida,

Vossa santa vida O Diabo espanta. Por isso vos canta Com

prazer o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura Fugirá depressa, Pois vossa cabeça

Vem com luz tão pura. Vossa formosura Honra é do povo,

Porque vossa vinda Lhe dá lume novo...

Barroco

Gregório de Matos

Inconstância das coisas do mundo!

Nasce o Sol e não dura mais que um dia, Depois da Luz se
segue a noite escura, Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tritezas e alegria. Porém, se acaba o Sol, por que
nascia? Se é tão formosa a Luz, por que não dura? Como a
beleza assim se transfigura? Como o gosto da pena assim se
fia? Mas no Sol, e na Luz falta a firmesa, Na formosura não se
dê constancia...

Arcadismo

Manoel Maria du Bocage

Amor a Amor Nos Convida

**Com dura e branda cadeia, Com facho ativo e
suave, De seus mistérios coa chave, Amor
entre nós volteia: Já deprime, já glorieia, Já dá
morte, já dá vida; E nesta incessante lida, Que
em si traz, que em si contém, Com o mal, e
com o bem, Amor a amor nos convida.**

Romantismo

Gonçalves Dias:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como
lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas
várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm
mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar,
sozinho, à noite, Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores, Que tais não
encontro eu cá; Em cismar sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá; Minha terra tem
palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita
Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores Que não encontro

por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde
canta o Sibiá.

Naturalismo

LUCAS LIMA MOTA.

Abita um bicho em mim Tenho medo de bicho

Bicho é assim, paira para pairar

Naturalistas, escritores, cientistas, músicos

ricos não pairam, pobres sim... Bichos não são

naturalistas Só homens, mulheres...nem

pensar O tempero da racionalidade É a perca E

de não ter, é não ter perca O mercado esta de

portas abertas No entanto fechadas Para

quem não é naturalista Surfistas moram nas

Realismo

praias Imperialistas dentro do mercado

Machado de Assis

No alto O poeta chegara ao alto da montanha,

E quando ia a descer a vertente do oeste, Viu

uma coisa estranha, Uma figura má. Então,

volvendo o olhar ao subtil, ao celeste, Ao

gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,

Num tom medroso e agreste Pergunta o que

será. Como se perde no ar um som festivo e

doce, Ou bem como se fosse Um pensamento

vão. Ariel se desfez sem-lhe dar mais

Parnasianismo

resposta. Para descer a encosta O outro lhe

Olavo Bilac

deu a mão.
Velhas Árvores

Olha estas velhas árvores, mais belas Do que as

árvores novas, mais amigas: Tanto mais belas

quanto mais antigas, Vencedoras da idade e das

procelas... O homem, a fera, e o inseto, à sombra

delas Vivem, livres de fomes e fadigas; E em seus

galhos abrigam-se as cantigas E os amores das

aves tagarelas. Não choremos, amigo, a mocidade!

Envelhecamos rindo! envelhecamos Como as

Simbolismo

árvores fortes envelhecem: Na glória da alegria e

Charles Baudelaire

da bondade, Agasalhando os pássaros nos ramos,

Correspondências

Dando sombra e consolo aos que padecem!

A Natureza é um templo vivo em que os pilares
Deixam filtrar não raro insólitos enredos; O
homem o cruza em meio a um bosque de
segredos Que ali o espreitam com seus olhos
familiares. Como ecos longos que à distância
se matizam Numa vertiginosa e lúgubre
unidade, Tão vasta quanto a noite e quanto a
claridade, Os sons, as cores e os perfumes se
harmonizam. Há aromas frescos como a carne
dos infantes, Doces como o oboé, verdes como a
campina, E outros, já dissolutos, ricos e
triunfantes, Com a fluidez daquilo que jamais
termina, Como o almíscar, o incenso e as

resinas do Oriente, Que a glória exaltam dos
sentidos e da morte

Pré Modernismo

Euclides da Cunha

A FLOR DO CÁRCERE

Nascera ali _ no limo viridente Dos muros da
prisão _ como uma esmola Da natureza a um
coração que estiola _ Aquela flor imaculada e
olente... E 'ele' que fora um bruto, e vil
descrente, Quanta vez, numa prece, ungido,
cola O lábio seco, na úmida corola Daquela
flor alvíssima e silente!... E _ ele _ que sofre e
para a dor existe _ Quantas vezes no peito o
pranto estanca!... Quantas vezes na veia a
febre acalma, Fitando aquela flor tão pura e
triste!... _ Aquela estrela perfumada e
branca, Que cintila na noite de sua alma...

[1884?]

Modernismo

Carlos Drummond de Andrade.

No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra tinha

uma pedra no meio do caminho tinha uma

pedra no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento na

vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca

me esquecerei que no meio do caminho tinha

uma pedra tinha uma pedra no meio do

**caminho no meio do caminho tinha uma
pedra.**